

Anarquia e Moral: entrevista com Jean-Paul Sartre

ANARCHY AND MORALITY: INTERVIEW WITH JEAN-PAUL SARTRE*

*Entrevista concedida a R. FORNET-BETANCOURT,
M. CASAÑAS e A. GOMES.*

*Publicada originalmente na revista espanhola de
filosofia Concordia, n.º 1, 1982*

Tivemos a seguinte conversa com Jean-Paul Sartre, no dia 1.º de novembro de 1979, em seu modesto apartamento parisiense, em frente à torre Montparnasse. Na ocasião, pudemos compartilhar com o filósofo uma hora de inquietação intelectual, viva e vivificante, no curso da qual sentimos a preocupação dele com o futuro moral do homem – no sentido de ser autenticamente homem no futuro. Estamos convencidos de que a concepção sartriana de *anarquia* como vida moral pode muito bem significar um chamamento à conversão desse homem que realizamos na figura do homem-poder (contra-homem), nos parecendo oportuno, e necessário, dar a conhecer o conteúdo essencial dessa conversa.

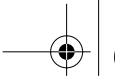
Pergunta: *Você tem se declarado anarquista, isto é, partidário de uma “sociedade sem poder”. Portanto, parece que o sentido dessa declaração não tem sido bem compreendido. Você poderia precisar seu pensamento em relação a esse assunto?*

J-P. Sartre: Eu me declaro anarquista porque tenho tomado a palavra *anarquia* em seu sentido etimológico, sociedade sem poder, sem Estado. O anarquismo tradicional não tentou construir uma sociedade semelhante; a sociedade que o movimento anarquista tem procurado construir é demasiado individualista. Mas o que é uma sociedade que não possui poderes?

Devemos propor esse problema com base em três aspectos diferentes. Como ponto de partida, precisamos examinar que tipo de sociedade é possível construir sem poder ou, em todo caso, sem o poder do Estado. Precisamos compreender que estamos o mais longe possível de tal sociedade. Há formas de poder existentes em todas as partes, que pesam sobre cada homem – poderes coletivos, judiciais. O sentido da sociedade anarquista é o de uma sociedade na qual o homem não tenha poder sobre o homem, senão sobre os objetos. Nas sociedades atuais o homem é con-

* Traduzido por WALTER MATIAS LIMA (UFAL/AL).





siderado como objeto, como um meio, e a riqueza, como um fim. Trata-se, no momento, de construir grupos que tentem viver e pensar fora do poder, procurando destruir a idéia de poder no vizinho. Comunidades que exercem poder sobre as coisas, mas jamais sobre os homens.

Por outro lado, não esperamos ver a desapareção do Estado, não mais que nossos filhos, talvez nossos bisnetos o verão desaparecer. A questão é, pois, saber como deve viver, nos dias de hoje, um anarquista. Nesse sentido, a anarquia é para mim uma vida moral (a esse propósito, eu acrescentaria que não tenho escrito senão livros de moral). O anarquista coloca a seguinte questão: como viver numa sociedade que tem poderes? É preciso, por conseguinte, ensaiar subtrair-se o mais possível a todos os poderes sociais, pôr em questão as formas de ação do poder a serem descobertas em nós mesmos. Isso é fácil: devemos trabalhar, o mais possível, com os outros.

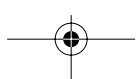
Seria necessário construir comunidades em que se poderá, até onde for possível, viver livremente, como os anarquistas desejariam viver. Comunidades de 25, 50, 30 ou 10 pessoas, que estabeleceriam entre si verdadeiras relações, sem nenhuma autoridade de uns sobre os outros. Comunidades fundadas no amor, e não necessariamente no sexo: amor filial, maternal, entre camaradas. Na perspectiva do amor é onde se devem estabelecer as relações das pessoas entre si. Contudo, tais comunidades não poderiam ser eternamente anarquistas, porque a polícia, o exército, as leis do Estado em que elas se estabeleceriam subsistiriam, todavia, e as vigiaríamos para que o Estado fosse respeitado.

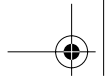
Na Alemanha e na França existem sociedades desse tipo, nas quais as pessoas vivem, trabalham e fazem amor juntas. Essa é a base possível em que começará um movimento anarquista, que é o futuro, que não é para hoje, que não será o partido e no qual as relações entre poder e ação serão diferentes das existentes no seio dos partidos. A ação anarquista tende a ser conquistada nos partidos sem massas, sem hierarquias, em que talvez alguns reflitam mais acerca das questões, mas nos quais as decisões serão sociais, isto é, a tomada de decisões se fará socialmente. O que se pode fazer agora é criar possibilidades para os homens viverem livres com outros homens, pois não se pode viver livre sozinho. Trata-se de ser o mais transparente possível para cada um, para o seu vizinho. Abandonar o poder é aproximar-se da transparência total.

Pergunta: *O que você entende por transparência?*

Sartre: A transparência é um sinônimo do amor, é o conhecimento que cada um tem do que faz e pensa o homem que está ao seu lado. O olhar poderá afetar a transparência, isto é, atravessar a pessoa até o seu coração e ver o que há em sua consciência. O olhar suporia reciprocidade e, com isso, ultrapassar a separação das consciências.

Transparência significa a luta contra os poderes: a vida é comunidade; já as relações sexuais, como as considero, são algo moral. O único fim que cada um deve ter é o homem, isto é, que o homem não é, todavia,





o homem. Trata-se de nos transformarmos, pouco a pouco, em homens. O homem é o fim absoluto para os homens.

Pergunta: *Isso quer dizer que o homem é absoluto?*

Sartre: O homem não é o absoluto, e sim o seu fim absoluto, porque ser homem é ser moral. Cabe ao homem viver moralmente, pois o ser mais profundo, secreto, do homem é ser moral.

Pergunta: *Isso significa que a liberdade do homem sempre é liberdade moral? Seria, assim, a liberdade o valor superior?*

Sartre: A liberdade em si não é um valor, senão que ela escolhe o que decide como valor absoluto. Ela é valorizada. A liberdade mesma não é um valor, mas uma realidade metafísica.

Pergunta: *Em que sentido devemos tomar a afirmação de que a liberdade é uma realidade metafísica?*

Sartre: No sentido de uma realidade transcendental: é a realidade que se ama em cada um, é a origem, a salvação. Cada homem deve ser produto da comunidade e de uma realidade livre.

Pergunta: *Partindo dessa visão de liberdade, o que significa o poder compreendido como negação da liberdade?*

Sartre: O poder é uma das formas essenciais do mal.

Pergunta: *Como você definiria, nos dias de hoje, sua moral?*

Sartre: Seria uma moral da esperança, pois a esperança é um valor, uma vez que a realidade da sociedade anarquista não é para amanhã.

Pergunta: *Mas como unir essa idéia à afirmação de que a história é um absurdo?*

Sartre: A história não é absurda, eu não penso assim. Disse isso, mas, quando o fiz, não pensei o bastante. Ela tem um sentido, e isso se pode ver ao se observar aquilo em que a sociedade se tem tornado: há um progresso, desde a época dos romanos até hoje em dia. Por exemplo, a

aparição de Cristo fez nascer a vida subjetiva, o elemento essencial do pensamento cristão. Antes do cristianismo não havia tal vida. Por ela o homem tenta recuperar sua objetividade, isto é, cada homem tende a entender-se como a unidade da subjetividade e da objetividade, ao passo que, antes, uma estava separada da outra. Agora temos de explicar aos seres humanos dois aspectos, nenhum dos quais dominando o outro: eles expressam as mesmas intenções – compreendidas no sentido fenomenológico.

Pergunta: *Como você entende a afirmação do homem como paixão inútil?*

Sartre: É uma realidade que permanece verdadeira para muitos seres humanos, mas existe um esforço para fazê-la desaparecer na preparação de uma ação. Por outro lado, a relação de paixão com ação é um dos fundamentos da moral.

Pergunta: *Existe uma relação entre o ideal ontológico de O Ser e o Nada e o ideal moral (sociedade anarquista)?*

Sartre: O ideal ontológico era falso: não existe síntese possível do em-si e do para-si. Devemos buscar melhor a síntese da objetividade e da subjetividade, pois a objetividade do homem não é a do objeto.

Pergunta: *Você crê que a experiência da finitude condiciona as relações humanas?*

Sartre: Sim, certamente, mas não tenho abordado esse problema. Atualmente penso as relações humanas com base no que chamamos mutualidade, ou seja, a relação primeira com o outro e dos outros comigo. Ela supõe a reciprocidade, posto que nós não somos dois, como quando se diz que há dois vasos. É uma relação recíproca; primitivamente é uma mutualidade.

Pergunta: *A mutualidade provém de uma experiência mística?*

Sartre: Não. Ela não pertence à mística, e sim à racionalidade. Tudo o que existe é racional, no sentido de que forma parte de um conjunto definido de princípios e que se chama realidade.